

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer o convite que me foi feito para participar deste painel sobre Mediação da Leitura. E, saudando toda a mesa, gostaria de expressar o prazer de estar ao lado do Castilho, o qual não via há algum tempo.

Confesso que por vários dias fiquei refletindo sobre que rumo daria a esta minha participação, sem saber se os presentes já me teriam ouvido falar sobre o assunto, ou lido o que eu já tivesse escrito sobre o tema. Nessa dúvida, resolvi optar por falar, com o coração, sobre o que poderia, talvez, ser usado pelos participantes interessados neste eixo do Plano como argumentos na busca por mais mediadores da leitura.

Com toda certeza, com as falas de Bel e Talles, vocês terão excelentes exemplos concretos dessa mediação, enquanto eu falarei muito mais “em tese”.

Cabe, primeiramente, definirmos de que mediadores falamos. Normalmente, relacionamos como tais os pais, familiares (reivindico com força a figura da avó), e, com frequência, maravilhosas babás. Mais institucionalmente, falamos de professores e bibliotecários ( escolares, comunitários e “públicos”). Estes são os grandes sujeitos do Eixo 2 de nossos Planos de Leitura.

No entanto, gostaria de alongar essa lista, até porque é muito difícil ou simplificador falar separadamente de cada eixo dessa cadeia do livro. Eu mesma tenho grande interesse e tento refletir sobre todos eles.

Mas vamos alongar nossa lista de mediadores.

Penso, por exemplo, que a editora, em quase todos os momentos de produção do livro, faz um trabalho de mediação de leitura. É assim quando, escolhido o texto ( de qualquer natureza), procura pensar seu projeto gráfico, imagens, sua quarta capa. Conforme o destinatário do livro, define se terá e como será uma “ficha de livro” (pedida muitas vezes pelo professor). Seus divulgadores poderão ser ótimos mediadores , no contato com escolas ou livrarias, assim como as distribuidoras e seus divulgadores. Os livreiros também poderão/deveriam ser mediadores de leitura.

Mas, para mim, o grande mediador de leitura é o autor da obra, que oferece ao leitor o que ele acha que produziu de melhor. E seu escrito conquistará ou não o leitor: se for um texto literário, vai enredá-lo nas tramas de sua narrativa, nas emoções de seu poema, ou ajudá-lo a viver as cenas de um texto teatral. Ou usará de outros recursos, se for um livro didático, por exemplo, ou informativo.

Gostaria, então, de que o grupo do Eixo 4 , que envolve a criação, a produção e a divulgação do livro, examine as implicações desse alargamento, na configuração da mediação da leitura.

Mas agora começo a me dirigir diretamente aos mediadores mais tradicionais do Eixo, professores e bibliotecários, e fico pensando que não devo falar nada de novo para este auditório. Penso, como já disse, em colocar a questão de uma forma que possa ajudar o grupo

a ter - quem sabe? - alguns argumentos postos de modo um pouquinho diferentes, a serem usados na busca sempre necessária de mediadores. Assim, vou falar de algumas convicções minhas.

- 1- Em todos os espaços em que se dá a mediação da leitura, mas especialmente na escola, em todos os níveis, e nas bibliotecas, de todos os tipos, sobretudo nos primeiros anos de vida do sujeito, deve haver um lugar garantido para todos os tipos de leitura, porque todos são fundamentais à nossa educação, sempre, cumprindo objetivos/funções muito diferentes e complementares.

Quem trata disso maravilhosamente, na minha opinião, é o filósofo norte-americano Elliot Eisner, mas vou ter de passar muito rapidamente pelos objetivos que ele denomina “instrucionais” e “expressivos”.

Pensemos nesse dado inarredável: somos todos irremediavelmente atrelados à palavra: por isso somos humanos.

Eu estava presente em Campinas, quando, num Congresso de Leitura, Paulo Freire fez aquela palestra extraordinária, em que ele fixou com clareza: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Ele tem toda razão. Mas, a partir de certo momento, a palavra nos ajuda enormemente na nossa leitura do mundo. Aí, as palavras que constituem nosso repertório começam a nos permitir nossa percepção e nossa reflexão sobre o mundo. E cada vez mais, na vida, é pela palavra que tentamos responder a nossa eterna pergunta: Quem somos, por quê/para quê estamos aqui? (É nossa busca incessante de transcendência, sintetizada lindamente por alguns artistas, como Fernando Pessoa: “A literatura, como toda arte, é uma confissão de que a vida não basta”; ou como disse André Gide: “A arte nasce quando viver não é suficiente para exprimir a vida.”)

Mas, além de nossa própria palavra, necessitamos da palavra de outros para entender o mundo. E ouvimos/lemos a palavra dos familiares, dos amigos, da escola, da igreja; ou dos meios de comunicação - revistas, jornais, TV, internet. E ainda temos da palavra transformada em arte.

Nesse entendimento procurado do mundo, precisamos muito de ter informações objetivas, saber o que é: pequenininhos, necessitamos de aprender o que é chupeta, fralda, papai e mamãe; mais adiante,  $2 + 2 = 4$ ; qual é a capital do Brasil do Brasil; quem é o prefeito de Belo Horizonte; o que é fotossíntese. Com esses dados, nos **instruímos**. Para esses dados, não há controvérsia, não há opinião divergente: todos têm essa mesma informação. Aqui, todos somos “convergentes”, não cabe divergência. Numa “prova”, só há uma resposta certa para essas perguntas. Temos nesses casos a concretização dos objetivos “instrucionais” de Eisner.

Mas o ser humano precisa de outros “ensinamentos”: nós precisamos de apreciar, analisar e avaliar, e, nessa aprendizagem, criar nossas opiniões, gostos, ideais, crenças, valores. Aprendemos isso com palavras de muitos outros, mas aprendemos sobretudo com as linguagens da Arte, especialmente com a literatura, aquela que, além do sentido da linha, nos convida a buscar as entrelinhas e o por detrás da linha da palavra. Estamos falando dos “objetivos expressivos” de Eisner, nos quais cada um aprende a se posicionar, livremente, segundo sua interpretação, seu repertório, suas vivências. Onde não cabe a resposta única, onde as respostas são muitas e variáveis. A divergência é fundamental. Pois isso é o que nos proporciona a linguagem artística, em especial para

nós a linguagem literária. O texto literário nos instiga a ler suas entrelinhas e o seu avesso. Quanto mais literário, mais é forte esse convite. Ele não só interpreta o mundo à sua maneira, como nos convida, como leitores, a reler o mundo. Não se trata de ver o mundo como ele é, mas como eventualmente poderia ser, para cada um.

Como educadores, na função de professores ou bibliotecários, não podemos dispensar nenhum tipo de leitura. Mas, considerando a predominância da pura informação a que estamos sempre sujeitos em quase todos os momentos da vida, inclusive no campo educacional, prefiro enfatizar a importância da leitura literária nesta fala.

Como professora, sempre considerei que minha função era criar todas as oportunidades para que meus alunos, no longo percurso nas trilhas da leitura, pudessem chegar à leitura das obras literárias - as mais variadas, em gênero, em tema, em enfoque, de autores diferentes, de editoras diferentes, de lugares diferentes.

Sempre soube que nem todos as leriam, que teriam suas próprias opções - sempre válidas. Sabia que possivelmente não seriam seus livros de cabeceira - para se ler e reler. Mas julguei sempre, também, que me cabia colocá-las nas mãos deles, eventualmente falar sobre elas, oferecer como entremeio de suas próprias escolhas. Podia ser até que não lessem nada.

Mas condená-los, de antemão, a só uma leitura de obras “fáceis”, descartáveis, que não releríamos, que quase nada nos oferecem além da linha mais aparente; uma leitura que excluísse outras obras mais instigantes; ou dar de ombros diante da leitura de nada, isso era, para mim, impedi-los de participar da construção mais significativa e permanente do homem - a Arte, a única que vara os séculos e quase sempre nos reabilita, nos faz rir, nos ajuda a nos entender e entender os outros; ou nos mostra possibilidades, diante de situações difíceis e peculiares de nossa vida; ou nos torna capazes de ver a opção, diante de poderosos ou de governos desastrosos, que nos constroem e nos envergonham, de colocá-los no rol dos descartáveis - e não de eleitos, ou reeleitos. (E essas obras fundantes existem para todas as idades e para todos os repertórios - para serem lidas, ouvidas ou “vistas” - não tenham dúvida.)

- 2- E, se a obra artística - especialmente a literária - é em si instigante e inspiradora, a única experiência insubstituível na verdadeira ligação entre arte e seu “leitor” é a fruição. Se não pudermos fazer fantásticas atividades com determinada obra literária, não nos preocupemos: se o leitor pôde mergulhar nela, ele fez o mais importante. É a obra que vai possibilitar o encontro “texto-leitor”. Lembremos o grande poeta e estudioso da literatura, Dámaso Alonso: obra literária é um diálogo de duas intuições - a de quem escreve e a de quem lê, que vai entrar nela por uma de suas inúmeras portas - a que sua sensibilidade e sua experiência permite - e sair por uma das muitas saídas oferecidas pelo autor. O segredo, a chave da obra, para cada leitor, está nela mesma.
- 3- Se eu fosse fazer uma primeira observação a mediadores agora, eu diria que, na verdade, a vida é mais simples do que parece, assim como mediar leituras: nossa função primordial é a de “apresentadores” de leituras capazes de mobilizar a curiosidade e a emoção do nosso leitor em potencial. Acredito até que, mesmo sem gostar de ler ou dos livros, os educadores em geral podem fazer uma mediação de leitura, até porque é sua tarefa inapelável fazer isto: contribuir para que seus alunos ou

usuários descubram a leitura, especialmente a literária, pela qual ele se expressa, se mostra, na qual é livre e deve ser livre. E, entre as quase infinitas atividades de apresentação de obras, de seus autores, de experiências altamente criativas que os leitores e até não leitores se sentem atraídos a fazer, certamente professores e bibliotecários menos leitores acabarão por encontrar algumas que não se tornem fardos insuportáveis para eles. A vida nos ensina, em muitos momentos, a aprender a nos superar e mudarmos gostos, opiniões posturas (Os objetivos expressivos, felizmente, vão nos ganhando pela vida afora...) Assim como a arte, somos também imprevisíveis.

- 4- Muitas vezes, andamos na contramão da mediação da leitura. As últimas pesquisas apresentadas no *Retratos da Leitura no Brasil* revelam, por exemplo, que 37% dos professores não gostam de ler: que quase 20% deles não indicam livros para os alunos. (Que oportunidade se perde!) E apenas 10% dos professores influenciaram os leitores no gosto pela leitura!

Não vou nem tratar dos equívocos no tratamento da obra em sala de aula, seja na prova inadequada, seja na “ficha de livro” tão instrucional. Queria apenas lembrar que seria muito bom que mesmo o amante dos livros na função de mediação de leitura fosse também um “apreciador de gente”.

Se me fosse permitido dar um segundo conselho aos mediadores, diria a eles que é fundamental conhecer os “leitores” (ou potenciais leitores), perscrutar seu gosto, suas preferências, suas dores, inquietações e suas alegrias. Assim, poderão ser oferecidas a cada um obras mais adequadas a seu universo, a suas expectativas.

Se a obra indicada for mesmo literatura, ainda que sem maiores comentários seus, alguma coisa, uma chama estará acesa em algum canto do coração do leitor - e reacenderá e iluminará algum momento de sua vida.

Isso atingirá todos os “seus” leitores? Quantos e quais serão eles? Talvez nunca saberemos responder a essas questões. Nem sei se precisaríamos saber isso.

Uma terceira observação ainda faria aos mediadores, se posso fazer isso: o que eles poderão fazer, sempre, é não se acomodarem: é ousarem, sempre. Ao mesmo tempo, não terem muitas certezas: é duvidarem (com simpatia) de sua atuação, buscarem melhorar - se acharem possível. E não desistirem nunca.

Por isso, vai minha última observação, para não deixar nunca aparecer o desânimo: nenhuma arte, nem a literatura, transformará a todos. Mas há provas pelo mundo inteiro de que muitos se transformam para melhor (se sabemos sempre o que é “melhor”) pela arte e pela leitura, sobretudo pela literatura.

Na verdade, somos todos feitos de matéria imperfeita. Mesmo os artistas mais fundamentais, têm/tiveram suas fragilidades, expostas ou não em suas obras. Mas, “em estado de arte”, os artistas nos proporcionam experiências absolutamente fantásticas, e nos humanizam. ( Drummond dizia que a obra tem de ser melhor que o autor...)

Insisto nisso: a arte **pode** transformar as pessoas, mas isso não ocorre em todos os casos, com todas as pessoas. Uma prova disso é este estranho momento político, social, educacional, de princípios incompreensíveis, da vida brasileira: é bem possível que todos os nossos governantes, políticos e juizes, por exemplo, tenham passado por

boas experiências de arte. É provável que todos tenham lido, muitas vezes, mais de um livro a cada três meses, visto boas exposições de arte, bons filmes, ouvido boas músicas. No entanto, muitos deles nos impingem esse momento doloroso que estamos vivendo.

Mas os que se transformam com a nossa colaboração, mesmo que sejam poucos, nos compensam.

É por isso que gostaria de terminar minha fala com dois trechos de dois livros que foram fundamentais para sedimentar minhas posições na vida e, portanto, na minha atuação como professora, em vários níveis de ensino, e em funções que eventualmente fui chamada a assumir. As duas obras não merecem a mutilação que vou fazer nelas, mas convido-os a ler as duas por inteiro e me desculparem pela indelicadeza de apresentar-lhes uma mínima amostra delas, que espero não fiquem incompreensíveis.

O primeiro trecho é de Antoine Saint-Exupéry, da obra **Terra dos homens** (1939), muito menos famosa do que **O Pequeno Príncipe**, o livro (lindo) das misses. No livro, ele vai relatando muitas das suas viagens (era aviador) e seus encontros com gente muito especial. Ao final do livro, relata uma viagem feita de trem. Passeando pelos vagões, viu vazios os de primeira classe e os vagões-leito. Mas os últimos vagões reuniam poloneses que saíam da França para voltar, nas piores condições, à sua terra ( reflexo da guerra): pobres, entulhados, sujos, na mais absoluta desesperança! E ele reflete: “ *Por que terrível molde terão passado, por que estranha máquina de entortar homens?*” Mas, entre o pai e a mãe abatidos, ele viu uma criança dormindo. (Vou transcrever um trecho, saltando algumas linhas, para não me alongar):

*“Volta-se, porém, no sono, e seu rosto me aparece sob a luz da lâmpada. Ah, que lindo rosto! Inclinei-me sobre aquela fronte lisa, a pequena boca ingênua. E disse comigo mesmo: eis Mozart criança, uma bela promessa de vida. Quando , por mutação, nos nos jardins nasce uma rosa nova, os jardineiros se alvoroçam. A rosa é isolada, é cultivada, é favorecida. Mas não há jardineiros para os homens. Mozart criança irá para a estranha máquina de entortar homens. Mozart está condenado . (...) Voltei para o meu carro. (...) O que me atormenta é alguma coisa como a espécie humana, e não o indivíduo, que está ferida, que está lesada. (...) O que me atormenta , as sopas populares não remedeiam. O que me atormenta não são essas faces escavadas, essas feiuras. É Mozart assassinado, um pouco, em cada um desses homens.”*

Pois, na pobreza/ tristeza de muitas escolas e comunidades brasileiras, podem estar desaparecendo um Chico Buarque, um Villa- Lobos; uma Henriqueta Lisboa, um Graciliano, um Guimarães Rosa; um Portinari, ou um Antônio Nóbrega... Isso é que temos de lutar para não acontecer. E isso tem a ver, por estranho que alguém possa imaginar, com a nossa, ainda que modesta, mediação da leitura.

O segundo trecho de Albert Camus, de uma obra que faz em 2017 exatos 70 anos, e fala de uma peste, que pode ser lida como a guerra que assolava a Europa, ou como a

vida em situações de extrema arbitrariedade. **A Peste**, para mim um dos livros mais importantes do século passado, talvez o mais impactante (seguido de perto por **A Chave do Tamanho**, o extraordinário livro de Lobato).

O romance relata a chegada da peste bubônica numa obscura cidade argelina, deixando perplexos, depois, desesperados, testados o tempo todo, os habitantes da cidade. Das falas de personagens fascinantes, surgem reflexões da maior importância para entender um mundo revoltado. Afinal, a peste adormece. E na cena final da narrativa, a personagem central da “crônica”, o Dr Rieux, observa os casais que festejam a vida de volta.

*“Em meio aos gritos que redobravam de força e de duração, que repercutiam longamente junto do terraço, à medida que as chuvas multicores se elevavam mais numerosas no céu, o Dr. Rieux decidiu redigir esta narrativa, que termina aqui, para não ser daqueles que se calam, para depor a favor daquelas vítimas da peste, para deixar ao menos uma lembrança da injustiça e da violência que lhes tinham sido feitas e para dizer simplesmente o que se aprende no meio dos flagelos: que há nos homens mais coisas a admirar do que a desprezar. No entanto, sabia que esta crônica não podia ser a da vitória definitiva. Podia, apenas, ser o testemunho do que tinha sido necessário realizar e que, sem dúvida, deveriam realizar ainda, no terror e sua arma infatigável, a despeito das feridas pessoais, todos os homens que, não podendo ser santos e recusando-se a admitir os flagelos, se esforçam no entanto por ser médicos.”*

Pois é: as maiores dificuldades nos esclarecem sobre a obrigação de lutar, fazer o que tem de ser feito. E o trabalho de mediação de leitura nem é o maior desafio de nossas vidas. E acaba por nos apaziguar, porque as recompensas sempre vêm ao nosso encontro.

Maria Antonieta Antunes Cunha